

**Evento:** XX Jornada de Extensão

## **A ELABORAÇÃO DO LUTO NA INFÂNCIA<sup>1</sup>** **THE ELABORATION OF MOURNING IN CHILDHOOD**

**Karine Medina<sup>2</sup>, Mayra Larissa De Mendonça Urach<sup>3</sup>, Taís Cervi<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida durante o Estágio em Processos Clínicos I, no curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI

<sup>2</sup> Aluna do curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, karine.medina@hotmail.com

<sup>3</sup> Aluna do curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, mayraurach72@hotmail.com

<sup>4</sup> Professora do curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, tais.cervi@unijui.edu.br

### **INTRODUÇÃO**

Uma experiência de perda consiste, em geral, em um processo de luto. Isso porque esta perda necessita de um tempo para ser elaborada. Durante a vida, um sujeito pode se deparar com os mais diversos tipos de perda. Ela pode ser de um ente querido, de um animal de estimação e até mesmo de sua pátria.

Tal situação pode se colocar para o sujeito de modo inesperado, levando-o a desorganização psíquica, o que pode lhe causar intenso sofrimento se não for trabalhado de maneira adequada. Além disso, nossa sociedade atual está marcada pela impossibilidade de sofrer, na qual o sujeito é convocado a não demonstrar suas angústias ante a qualquer acontecimento que se mostre doloroso para ele.

Nesse contexto, buscamos refletir não só sobre os impactos, mas também sobre o processo que se faz necessário ante a uma perda. Em especial quando uma criança é acometida com essa situação. Se a infância de um sujeito está marcada por sucessivas separações - como a do seio materno, por exemplo - de que modo uma perda que se dá no real será percebida pela mesma? Através da teoria psicanalítica, elencamos os principais autores e suas contribuições acerca da elaboração do luto pela criança.

### **METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi realizada com base em dados bibliográficos, ou seja, a partir de livros e artigos científicos encontrados tanto em meio físico quanto na internet. Com este tipo de pesquisa, a bibliográfica, podemos observar o que já foi estudado sobre um determinado assunto dentro dos materiais publicados.

Assim sendo, junto aos textos referenciados e, tendo em vista nosso trabalho orientado pela psicanálise, selecionamos as mais diversas informações que visam responder nossas indagações a respeito das construções possíveis feitas pela criança frente as perdas que podem acometer sua vida.

**Evento:** XX Jornada de Extensão

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao buscar diferenciar o luto da melancolia, Freud (1917, p. 249) nos indica que o primeiro refere-se “a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém”, enquanto descreve a melancolia como uma incapacidade do sujeito de efetuar um luto do objeto perdido, isso porque o mesmo se diz incapaz de dizer até mesmo o que foi perdido.

Além disso, Freud ainda nos indica que esta é a diferença fundamental entre os dois conceitos, já que no luto haveria para o sujeito a possibilidade de superação após um determinado tempo em consequência de sua elaboração. Se no luto o mundo tende a se tornar pobre e vazio, isso é decorrente do intenso esforço que o ego tem que fazer para retirar todas as catexias daquele objeto que até então ele investia (FREUD, 1917). Assim, o ego buscará afastar-se de toda atividade que remeta-o ao objeto perdido, até que possa enfim substituí-lo.

Diversos autores posteriores a Freud irão desenvolver suas próprias contribuições acerca do luto. Melanie Klein, renomada psicanalista conhecida por seus trabalhos com crianças, propôs que o desenvolvimento do psiquismo se dá a partir de dois momentos, da posição esquizo-paranoide para a posição depressiva. Ambas estariam relacionadas ao modo como o bebê irá se relacionar com seu objeto primordial: o seio.

A mãe - inicialmente representada pelo seio - quando presente, é seio bom, pois nutre e satisfaz e quando se faz ausente, seio mau, pois priva o bebê da satisfação plena de suas necessidades. Essa clivagem do objeto primordial tende a causar angústia já que cria para o bebê uma ansiedade persecutória por se sentir constantemente ameaçado por esses objetos. Este, por sua vez, tende a responder a partir dos mecanismos de introjeção e projeção.

Na introjeção o sujeito busca internalizar os aspectos bons, enquanto na projeção há uma tentativa de colocar para fora o objeto mau. As sucessivas tentativas de elaboração desses objetos culminam, por parte da criança, na integração de ambos em um único. Para Nasio (1995, p. 161) “o sujeito passa para a relação com seu objeto fundamental e prevalente: a mãe como um todo”. Logo, tem início a posição depressiva.

Depois de perceber que tanto o seio bom quanto o mau consistiam num só, na posição depressiva o sujeito é tomado pela necessidade de reparar os possíveis danos ao seu bom objeto. Para tanto, nesse processo de reparação o bebê precisa realizar um trabalho de luto. Desse modo, Klein (1940, p. 388) compreende que “o objeto que desperta o luto é o seio da mãe [...] O bebê se sente como se tudo isso estivesse perdido como resultado de suas incontroláveis fantasias e impulsos destrutivos e vorazes contra os seios da mãe”.

Nesse contexto, ao elucidar sua teoria sobre os estados maníaco-depressivos a partir da concepção freudiana sobre o luto, Klein irá propor que o sofrimento ocasionado pela perda de um

**Evento:** XX Jornada de Extensão

ente querido pelo sujeito consiste num retorno a posição depressiva infantil, pois “a pessoa enlutada reerige em si o ser que acaba de perder, e reinstaura também seus bons objetos internalizados, que haviam corrido o risco de destruição” (NASIO, 1995, p. 163)

Contudo, quando uma criança é acometida com uma perda, esta tende a elaborar a situação conforme sua capacidade de simbolização tal como dos recursos psíquicos que dispõe naquele momento. Podemos ainda acrescentar o fato de que, quando a morte se faz presente em sua vida, esta tende a compreendê-la conforme as crenças e opiniões que tenham sido ditas a ela.

Encontramos em cada cultura uma forma diferente de encarar a morte, alguns fazem festa em memória aos falecidos, como os mexicanos, enquanto outras culturas preferem cremar o corpo em um rio sagrado, como é o caso dos hindus na Índia. Em todo caso vemos um modo particular de se despedir daquele que se foi.

Para Oliveira (2001) independente da crença a que pertence, faz-se necessário que a criança tenha conhecimento da morte e da finitude como algo inerente a todo sujeito. Nesse sentido, por se encontrar em pleno desenvolvimento, ela irá precisar de um suporte para enfrentar essa circunstância.

Quando esse tipo de assunto é acobertado pelos familiares ou conhecidos, a criança pode tomar para si a perda. No caso de perda de um genitor, por exemplo, ela pode se sentir culpada por ter desejado em algum momento a morte de um dos pais. Além disso, é comum que nesses momentos, sua agressividade se acentue, que ela se sinta desamparada, assim como pode apresentar-se em negação, como uma forma de defesa.

Por conta disso que, a família enquanto primeiro contato com o mundo, deve incentivar e oferecer espaço para que a criança possa compartilhar suas angústias em relação ao ente perdido. Toda perda leva ao sofrimento e é importante que todos aqueles que se sentem tomados por ela possam falar de seus sentimentos. Oferecer lugar para a palavra da criança é o que lhe proporcionará uma efetiva compreensão dos fatos.

O luto, como sabemos, por mais doloroso que possa ser, chega a um fim espontâneo. Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio e nossa libido fica mais uma vez livre [...] para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos. (FREUD, 1916, p. 319)

Assim, a elaboração de um luto pode parecer um caminho árduo para o sujeito, porém ela se faz necessária tendo em vista a recuperação do mesmo. Como na citação de Freud acima, somente quando podemos assumir a perda desse objeto é que nos tornamos abertos para investir em novos.

**Evento:** XX Jornada de Extensão

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente pesquisa compreendemos os aspectos psíquicos do luto, suas consequências e o modo como o sujeito pode vivenciar esse momento. Ademais, quando uma criança passa por isso é importante a presença e a compreensão dos familiares para que estes lhe ofereçam um bom suporte e assim, todos possam trabalhar com as questões que são decorrentes de toda perda.

**Palavras-chave:** psicanálise com crianças; constituição psíquica; morte

**Keywords:** child psychoanalysis; psychic constitution; death

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. Luto e melancolia (1917). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.249-263.

\_\_\_\_\_. Sobre a transitoriedade (1916). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.317-319

KLEIN, M. O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos (1940). In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.387-412

NASIO, J.-D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

OLIVEIRA, T. M. **O psicanalista diante da morte: intervenção psicoterapêutica na preparação para a morte e elaboração do luto**. São Paulo: Mackenzie, 2001.